



1. INTRODUÇÃO

O Projeto Fala Escola viabiliza a publicação de jornais escolares que veiculam textos, desenhos e outros conteúdos produzidos pelos alunos dos anos finais do ensino fundamental (6º ao 9º ano). O jornal pode também ser implantado no segundo segmento da EJA.

O conteúdo do jornal pode ser produzido em sala de aula, como resultado de atividades mediadas pelos professores, mas também pode ser fruto de atividades espontâneas dos adolescentes ou mesmo de grupos organizados (Grêmios, grupo de esporte ou cultura, etc). O jornal pode, ainda, “mesclar” atividades de turno e contra-turno.

Cada escola tem seu próprio jornal. A determinação da forma de coordenação do jornal fica a cargo da escola. Ele pode ser coordenado por um professor, por alunos ou ter coordenação mixta.

Em todos os casos a produção do jornal é integralmente realizada na escola, incluindo a diagramação e editoração eletrônica.

O jornal é enviado por internet ou por correio ao Comunicação e Cultura, que o imprime num prazo máximo de 9 dias úteis, e o retorna às escolas por sedex ou ônibus.

No formato básico, os jornais Fala Escola têm quatro páginas (A3 frente e verso) e são impressos em papel jornal, em preto e branco, com impressão digital de alta resolução. A tiragem é igual ao número de alunos mais uma quantidade extra para distribuição na comunidade.

O número de edições que cada escola tem direito a realizar durante o ano é estipulado no convênio da Secretaria de Educação. A tiragem e o número de páginas podem aumentar, sempre e quando a escola, o grupo de alunos ou a Secretaria de Educação financiem o acréscimo de custos (os jornais podem ter patrocinadores).

A implantação dos jornais Fala Escola se faz em parceria com Secretarias de Educação, que determinam o setor que fará o acompanhamento e articulação.

O Sistema de Informações e Estatísticas do Comunicação e Cultura permite monitorar o andamento dos jornais (individualmente ou por rede escolar em cada escola e em cada Secretaria, com comparativos inter-anuais. Essas informações estão disponíveis on-line no portal www.jornalescolar.org.br Semestralmente, a Secretaria de Educação recebe uma interpretação desses dados, realizada pela equipe do Comunicação e Cultura.

2. OBJETIVO

O objetivo do Fala Escola é fornecer às escolas uma ferramenta maleável, de uso transversal e interdisciplinar.

O jornal escolar é um portador de textos que dá uso social à escrita

O aluno raramente têm oportunidade de fazer uso social da escrita. Seus textos não têm leitores, a não ser os professores e, às vezes, a família. Dar sentido social à escrita do aluno é a primeira contribuição do jornal escolar, seu princípio articulador. Escrever no jornal escolar é uma experiência de vida, um fator de estímulo e motivação que abre um caminho direto para a mobilização interior requerida para aprender. As opiniões e produções dos adolescentes – redações, pesquisas, desenhos, fotografias – são valorizadas pela circulação na escola, na família e na comunidade. A experiência fortalece a auto-estima e estimula a imaginação.

Essa contribuição extrapola, aliás, o ensino da língua portuguesa; “a qualidade dos progressos, sejam escolares ou extra-escolares, vem sempre da nossa sede de conhecer e de agir e do interesse que pomos no nosso próprio trabalho. Por meio do jornal escolar despertamos esta curiosidade e este interesse” (Celestin Freinet, O Jornal Escolar, 1927).

O jornal é uma proposta de educomunicação

A influência das mídias na formação das crianças e jovens, que já era enorme por causa de televisão, aprofundou-se com o desenvolvimento das novas tecnologias de comunicação e informação (internet, digitalização), que colocam o jovem em contato com o mundo, abrindo portas para a auto-aprendizagem e inúmeras experiências comunicativas horizontais.

O jornal escolar é uma porta de entrada para a educomunicação (ver Referenciais Conceituais), proposta que visa promover a criticidade do aluno sobre o mundo da comunicação em que está imerso.

O jornal escolar é o protagonismo juvenil

A adolescência é a etapa de transição da heteronomia para a autonomia e de transformações que, entre outras coisas, levam à descoberta da sexualidade. É um momento de buscas pessoais que podem constituir oportunidades, mas também ameaças.

O protagonismo juvenil – metodologia de educação para a cidadania – mostra que é possível construir uma educação para valores e centrada no cuidado de si e do outro a partir da consideração da busca de autonomia por parte dos adolescentes e do diálogo entre pares como uma oportunidade.

O jornal escolar permite que as crianças que estão entrando na adolescência explorem essa busca de autonomia, com o apoio de seus professores (os adolescentes que queiram continuar trabalhando com comunicação no ensino médio irão explorar essa autonomia de forma plena no ensino médio de forma plena, através do projeto Clube do Jornal, que é objeto de outra apresentação no presente Edital de Tecnologias Educacionais).

O jornal escolar é uma intervenção no ecossistema comunicativo comunitário

Por último, já olhando para o papel da escola na comunidade, o “fazer jornal” adquire outra relevância. Com efeito, uma comunidade é um “ecossistema comunicativo”¹, um conjunto de relações de comunicação sobre as quais o jornal escolar intervém com o poder que lhe dá a divulgação “de massa” na escala local, e a afetividade com o qual é recebido pelos leitores. A escola passa a ter a possibilidade de interferir no ambiente onde acontece a educação informal, através das relações familiares, de amizade e vizinhança, a cultura, enfim. Valores e conhecimentos trabalhados na escola ultrapassam seus muros.

Nessa intervenção no ecossistema comunicativo da comunidade convergem tanto o letramento e o domínio da língua portuguesa (capacidade de pesquisa e expressão), o protagonismo dos adolescente (participação), o ensino contextualizado (conteúdos relevantes) e a educomunicação (a intencionalidade da comunicação, a criticidade). O jornal, portanto, articula o interno (ensino) com o externo (novo papel da escola na comunidade).

3. FORMAS DE IMPLANTAÇÃO

Os anos finais do ensino fundamental constituem um momento de transição tanto para o aluno (ele já entra na adolescência, mas ainda tem um pé na infância – essa situação peculiar que tentou se definir com a expressão híbrida “pré-adolescência”) como para a escola (novos focos de ação, novas competências, professores por disciplina, etc).

O Fala Escola é uma proposta que se adequa a essa transição. Dentro do Programa Jornal Escola, iniciativa do Comunicação e Cultura que abarca todo o ensino básico, existem duas outras propostas: o Primeiras Letras publica jornais dos anos iniciais do ensino fundamental; o Clube do Jornal publica jornais estudantis no ensino médio. Entre esses dois pólos se situa o Fala Escola, com uma grande flexibilidade que permite diversas formas de apropriação, conforme o entendimento da escola e a própria vontade de participar dos jovens:

- Ele publica textos realizados em sala de aula (da mesma forma como Primeiras Letras);
- Ele publica também textos espontâneos produzidos por adolescentes (da mesma forma como o Clube do Jornal).
- Ele publica textos de grupos organizados (Grêmios etc.)
- A forma de coordenação é determinada pela Secretaria de Educação parceira, podendo adotar uma destas variantes:
 - Coordenado por um professor designado pela escola;
 - Coordenado por um grupo de alunos;
 - Como coordenação compartilhada (colegiado, inclusive com a participação do Grêmio).

¹ O pesquisador colombiano Jesús Martín-Barbero articulou o conceito de ecossistema comunicativo, conformado pelas tecnologias e meios de comunicação e o conjunto de linguagens, representações e narrativas que penetram a vida cotidiana. *Desafios Culturais da Comunicação à Educação. Revista Comunicação & Educação* n. 18. São Paulo, Segmento/ECA/USP, ano 6, mai./set. 2000.

Para desenvolver a metodologia Fala Escola é preciso estar atento a alguns princípios básicos:

- A observação do Código de Ética do projeto (link);
- A autonomia da escola ou grupo coordenador (grupo, grêmio, ou conselho escolar) quanto à escolha da pauta, redação e ilustração do seu jornal, sem imposições externas.
- O caráter não lucrativo do jornal (qualquer recurso financeiro gerado pela atividade deve voltar para a escola).

4. EMBASAMENTO CONCEITUAL

A principal referência teórica do jornal escolar é Celestin Freinet (1896-1966), cujo método tinha como base a experiência de vida, isto é, a vivência da aprendizagem por parte da criança. Sua proposta tem raízes no movimento da Escola Ativa. Nesse engajamento, a criança mobiliza seu julgamento e criatividade. Ela constrói, assim, sua autonomia.

Em 1924 Freinet introduz na sua prática a técnica da impressão (tipografia). Seus alunos passam a produzir textos compostos por eles mesmos, que são posteriormente enviados a outras escolas, dentro de um processo de intercâmbio de produções. Essa prática foi sistematizada em 1927 no livro “A Imprensa na Escola”, que constitui uma referência ainda hoje.

O jornal escolar é um suporte de uma experiência de vida do aluno, que se mobiliza interiormente para comunicar. O jornal e cada um dos textos e desenhos publicados é uma “obra”, um trabalho individual e coletivo onde as pessoas se expressam.

De Paulo Freire, além da vocação para uma educação libertadora e crítica, o Fala Escola assume a intenção fundamental de criar novas relações de comunicação na educação, quebrando a verticalidade da relação unívoca emissor - receptor. Também recebe dele a preocupação pela construção da autonomia do aluno. Realizar a obra (jornal escolar) exige um esforço criador que leva à criança a se descobrir como construtora do mundo. Ao escrever no jornal o adolescente “pensa” seu mundo, que é sua cultura, e a partir de aí a consciência ingênua já inicia o caminho para a consciência crítica.

Por esse viés o jornal escolar entra na educomunicação, um campo pedagógico onde convergem diversas correntes, como a mídia educação e a educação pela comunicação. O professor Ismar de Oliveira, do Núcleo de Comunicação e Educação da USP, define a educomunicação como o “*conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem*” (Caminhos da educomunicação na América Latina e nos Estados Unidos, in Caminhos da educomunicação, São Paulo, Editora Salesiana, 2001).

Na sua primeira vertente, a educomunicação promove o entendimento crítico das mensagens da mídia e uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação em nossa sociedade. A segunda vertente consiste em estimular crianças, adolescentes e jovens a produzir diferentes tipos de mídia, o que permite que adquiram novas habilidades e, sobretudo, decodifiquem, na prática, o funcionamento da comunicação.

As teorias críticas da comunicação social destacam a instrumentalidade das mídias, seu poder para influenciar a sociedade através dos conteúdos veiculados (de fato, boa parte, senão a maior parte da formação das crianças e adolescentes acontece através dos meios de

comunicação). A crítica deve dar conta agora do novo momento da influência dos meios de comunicação, com as inúmeras possibilidades de criação e conexão coletiva em escala planetária permitida pela internet. O acesso à informação e à comunicação sem restrições, propiciadas pelo cyberspaço tem dado uma autonomia crescentes às crianças e adolescentes. Por primeira vez na história da humanidade estão mais avançados no uso de tecnologias e até mais informadas que seus pais e mesmo seus professores. Falar a mesma linguagem que os jovens e viver junto com eles a contemporaneidade é talvez o maior desafio que a escola enfrenta.

“A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existem uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais e não pedem autorização à escola para se expandir socialmente. Essa diversificação e difusão do saber por fora da escola é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação coloca ao sistema educativo. Isto não está levando a escola para uma abertura aos novos saberes, mas ao fortalecimento do autoritarismo, como reação à perda de autoridade do professor, e à desqualificação dos jovens como cada dia mais frívolos e desrespeitosos com o sistema escolar.”²

Por outro lado, a discussão sobre o papel das mídias tornou-se mais sutil com a valorização das mediações – “as múltiplas ações, situações, tecnologias e circunstâncias que se colocam como categorias estruturantes do modo de ser e de viver das pessoas num tempo e espaço dados”³. As mediações são o “filtro” através do qual as mensagens da mídia chegam as pessoa, condicionando a interpretação que estas fazem. Elas mediam também as formas de apropriação das novas mídias. Jesus Martin Barbero, pesquisador que se destaca nesta linha de pensamento, afirma que “a comunicação é questão de culturas, e não só de ideologias; a comunicação é questão de sujeitos, atores e não só de aparatos e estruturas; a comunicação é questão de produção e não só de reprodução”⁴.

Esta visão, que resgata o espaço de autonomia da vida social e do próprio indivíduo, não exime a escola de suas responsabilidades. Ao contrário, coloca em discussão o lugar que ela ocupa na composição de mediações que determinarão a capacidade das crianças e adolescentes de interagir com o mundo da comunicação, recebendo mensagens de forma crítica (acolher, reinterpretar, rejeitar) e intervindo como atores no momento em que tecnologia abre um leque enorme de possibilidades nesse sentido.

O Protagonismo Juvenil é a terceiro campo conceitual do Fala Escola.

A pedagogia do protagonismo juvenil mostra que é possível construir uma educação para valores a partir da consideração da busca de autonomia por parte dos adolescentes e do diálogo entre pares como uma oportunidade.

A principal referência é o pedagogo mineiro Antonio Carlos Gomes da Costa. Sua abordagem é inspirada nos princípios do movimento Escola Ativa. A educação é essencialmente uma atividade funcional. Aprende-se aquilo que é necessário para a vida; a atividade pedagógica está vinculada com as necessidades e os interesses do educando. Por outro lado, considera que a aprendizagem é uma atividade que vai de dentro para fora, é uma auto-atividade. É um descobrimento e uma construção do educando em contato com seu ambiente sócio-cultural

² Jesus Martin Barbero, Jóvenes: comunicación e identidad. Revista digital de Cultura de la OEI. Número 0 - fevereiro 2002. <http://www.oei.es/pensariberoamerica/ric00a00.htm>

³ Guillermo Orozco Gómez, Perspectivas para el análisis de los procesos de recepción televisiva, in Cuadernos de comunicación y practicas sociales n°6, UIA, México, 1994.

⁴ Jesus Martin Barbero, Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, EdUFRJ, 1997.

(Vygotsky). A aquisição do senso do bem moral não pode ser prescrita; as únicas verdades reais são aquelas construídas livremente (Piaget).

A pedagogia do protagonismo juvenil coloca o educador no papel de facilitador, para promover a reflexão crítica, o aumento do repertório cultural e da curiosidade intelectual, de modo a evitar que uma funcionalidade excessivamente pragmática leve à perda da capacidade de construir visões de futuro com potencial transformador pessoal e social. Diferentemente de visões que prevaleceram anteriormente sobre a participação dos jovens – a inserção “controlada” em estruturas tais como o Lions ou Rotary, partidos políticos ou igrejas – desta vez o olhar adulto se estrutura a partir do reconhecimento e da valorização da autonomia que os adolescentes e jovens ganharam em nossa sociedade.

5. METODOLOGIA

Os anos finais do ensino fundamental constituem um momento de transição tanto para o aluno (ele já entra na adolescência, mas ainda tem um pé na infância – essa situação peculiar que tentou se definir com a expressão híbrida “pré-adolescência”) como para a escola (novos focos de ação, novas competências, professores por disciplina, etc).

O Fala Escola é uma proposta que se adequa a essa transição.

- Ele publica textos realizados em sala de aula;
- Ele publica também textos espontâneos produzidos por adolescentes, extra-classe e extra-escola;
- Ele publica textos de grupos organizados (Grêmios etc.)

A forma de coordenação é determinada pela Secretaria de Educação parceira, podendo adotar uma destas variantes:

- Coordenado por um professor designado pela escola;
- Coordenado por um grupo de alunos;
- Como coordenação compartilhada (colegiado, inclusive com a participação do Grêmios).

6. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

O Fala Escola pretende dar capacitação e criar instrumentos para promover a autonomia técnica das Secretarias Municipais de Educação na avaliação do impacto do jornal.

Dentre os aspectos a serem observados durante a avaliação destacam-se os seguintes:

- Na escola:
 - a) Freqüência de publicação dos jornais
 - b) Análise de conteúdo dos jornais:
 - Quantidade e diversidade de pessoas que escrevem;
 - Pertinência dos temas abordados em relação à proposta do projeto (escola democrática, educomunicação e redução da vulnerabilidade social juvenil);
 - Qualidade informativa e fundamentação das opiniões comunicação;
 - c) Questionário de avaliação aplicado anualmente com as direções, membros do Conselho Escolar, representação estudantil (Grêmios) e outros grupos juvenis da escola;

- Na Secretaria de Educação:
 - d) Verificação da implementação de ações visando à integração do jornal escolar às estratégias das Secretarias de Educação (promoção do participação juvenil, ensino contextualizado, etc).
- Análise dos conteúdos dos jornais:
 - e) Análise dos conteúdos dos jornais, tomando como referência fatores tais como variedade de gêneros utilizados, qualidade de expressão alcançada, verificação de revisão, coerência dos textos e ilustrações;
 - f) Busca de evidências de como a escola está trabalhando aspectos considerados fundamentais na formação para a cidadania e o ensino contextualizado (os textos veiculados nos jornais abordam problemas da comunidade? Propõem soluções? Difundem valores considerados indispensáveis para a construção de uma sociedade mais justa?)
- Análise dos indicadores educacional (determinado pela comparação dos resultados do IDEB e dos resultados da Prova Brasil).

7. IMPACTO ESPERADO SOBRE OS INDICADORES DE QUALIDADE

- Espera-se que o uso social da escrita permitam melhorar a aprendizagem da Língua Portuguesa.
- Espera-se que o jornal fortaleça as estratégias de ensino contextualizado da escola.
- Espera-se que a participação do jornal constitua para os alunos uma experiência significativa de participação social.
- Espera-se que a participação dê aos adolescentes uma chave de compreensão sobre o mundo da comunicação, tornando tangível a existência de pessoas, e portanto de subjetividades e interesses, por trás da mídia (desmistificação).
- Espera-se que a escola melhore sua integração com a comunidade através da comunicação.

